

# O BRASIL TEM NOVA CIDADE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO



Em mapa especial para os leitores de O BRASIL EM JORNAL, nosso correspondente fixou a rota final do capitão Estácio, assim como o local exato da fundação de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

São Sebastião do Rio de Janeiro, 1º, março, 1565 (Do correspondente de guerra)

Para levantar o moral de suas tropas, o capitão Estácio de Sá fundou, hoje, esta povoação na entrada da barra do Rio de Janeiro, entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar.

Diante de nós estão as posições ocupadas pelos franceses e seus aliados, os tamoios. Ontem, sob violento temporal, os expedicionários chegaram à Guanabara, resolvendo o capitão desembarcar com seus soldados e dormir em terra.

Logo após o desembarque, todos os homens válidos trabalharam arduamente no preparo do acampamento. Entre os soldados, o próprio Estácio de Sá dava ordens para o corte de lenha e roçado do terreno.

Que Deus nos proteja e à nova cidade que surge nesta maravilhosa baía de Guanabara. Sabemos que, de longe, franceses e tamoios nos esperitam e aguardam um momento oportuno para atacar nossas forças.

O capitão está disposto a levar adiante seu intento, qual seja o de deixar aqui plantada, mesmo à custa de sangue, a semente de uma grande cidade que hoje é lançada a esta generosa terra e à qual, em homenagem ao rei-menino de Portugal, se deu o nome de São Sebastião: São Sebastião do Rio de Janeiro.

## OS QUE FUNDARAM S. SEBASTIÃO

S. Sebastião do Rio de Janeiro,  
1º, março, 1565

Soldados portugueses, índios de S. Vicente e Cananéia; temiminós do Espírito Santo; tupiniquins e alguns discípulos cristãos de Piratininga, além de reforços vindos de Ilhéus e mais os padres jesuitas José de Anchieta e Gonçalo de Oliveira, compõem a expedição que hoje, sob o comando do capitão Estácio de Sá, acaba de plantar num dos recantos da Guanabara a semente de uma cidade cujo nome figura pela primeira vez em O BRASIL EM JORNAL.

## A ESQUADRA

S. Sebastião do Rio de Janeiro,  
1º março, 1565 (Do correspondente de guerra)

A esquadra que aqui chegou ontem partiu de S. Vicente a 22 de janeiro, sob o comando do capitão Estácio de Sá.

Incidentes sem conta atrasaram a marcha dos cinco pequenos navios e das oito canoas de índios que a compunham. Desgarramentos, encaixes, temporais, indisciplina, precipitação, sede e fome foram alguns dos tremendos obstáculos enfrentados pelo capitão até cruzar a barra desta baía de Guanabara.



a imagem de S. Sebastião desembarcada juntamente com os expedicionários de Estácio de Sá no local onde foi fundada a povoação.

Símbolo do feito que agora noticiamos, a imagem terá no futuro um significado e um valor quase tão transcendentais quanto os da Virgem padroeira da esquadra de Cabral, cuja gravura foi por nós reproduzida no número 1 de O BRASIL EM JORNAL.

Completo, detalhado e minucioso noticiário sobre a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, de acordo com os despachos recebidos de nosso correspondente de guerra a bordo da nau capitânia de Estácio de Sá — Dia a dia a marcha dos acontecimentos desde 1º de janeiro até 31 de dezembro deste ano de 1565 — Solidificada a povoação que se situa entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar — Nóbrega, Estácio e Anchieta, os nomes a destacar nesse importante cometimento.

Leia na página 2 o texto integral da reportagem enviada pelo nosso correspondente de guerra.

## o Brasil em Jornal

1565	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00
N.º 23		Aéreo: Cr\$ 12,00

### Aos nossos leitores

Esta edição de O BRASIL EM JORNAL — a 23a. — fugindo à nossa já tradicional paginação que empresta igual destaque aos acontecimentos do mundo inteiro, se dedica em grande parte à fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, ocorrida a 1º de março deste ano da graça de 1565.

Os leitores, estamos certos, bem compreenderão os objetivos da direção de O BRASIL EM JORNAL quando, sacrificando o noticiário internacional de primeira página, empresta o máximo destaque aos despachos de nosso esforçado correspondente de guerra junto à expedição do capitão Estácio de Sá.

Já no próximo número as notícias de interesse internacional retornarão à primeira página com o costumeiro destaque.

Este é o capitão Estácio de Sá, sobrinho do governador Men de Sá, fundador de S. Sebastião. Moço ainda, Estácio veio para o Brasil em 1557. Em novembro de 59, foi nomeado capitão da galé «Conceição», com ordenado mensal de 2 mil réis e ajuda de custo de 500 réis. Participou da expedição de seu tio ao Rio. Em 1560 estava de volta à Bahia, conduzindo Jean Cointa, em cujo processo depôs em janeiro de 61. Assegura-se que Estácio recebeu uma sesmaria no ano passado.

O melhor juízo sobre o capitão é de Anchieta: «Estácio é o primeiro nos trabalhos».

Antes de embarcar para o Rio, Nóbrega venceu-lhe todas as hesitações, assumindo inteiro risco da empreza a que o capitão se lançou.



491

12.2615



# O BRASIL TEM NOVA CIDADE

## S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

São Sebastião do Rio de Janeiro, 1º, março, 1565 (Do correspondente de guerra)

Após uma estada de aproximadamente 9 meses em São Vicente — aonde fôra em busca de reforços — o capitão Estácio de Sá partiu para o Rio (22 de janeiro último) na capitânia Santa Maria, com cinco navios pequenos (três dêles de remos) e 8 canoas, conduzindo índios de São Vicente e Cananéia, temiminós do Espírito Santo, alguns tupiniquins e discípulos cristãos de Piratininga. Em sua companhia embarcaram também dois jesuítas: o padre Gonçalo de Oliveira e o irmão José de Anchieta.

### LIÇÃO DE HUMILDADE

Este repórter presenciou, momentos antes do embarque dos expedicionários para o Rio, a entrevista do padre Manuel da Nóbrega com o irmão José de Anchieta. Nóbrega indicava Anchieta como superior religioso das tropas expedicionárias e este se negou a aceitar o pôsto, lembrando que havia em São Vicente outros sacerdotes mais credenciados.

Ouvindo as ponderações de Anchieta, Nóbrega mudou de opinião e nomeou Gonçalo de Oliveira, antigo discípulo de Anchieta, como superior.

«O padre, disse-lhe Nóbrega, por ser sacerdote, será o superior. Mas lembrar-se-á, pois que você foi seu mestre, do respeito e reverência que lhe deve, e de tomar seus conselhos.»

A partida para o Rio atrasou-se algumas semanas, em consequência dos demorados entendimentos com os tupiniquins do sertão de São Paulo. As autoridades portuguesas enviaram dois emissários às aldeias dos índios, sem resultados.

Quando os tupiniquins chegaram a São Vicente, e tudo parecia acertado para sua incorporação à tropa, a maioria dêles desertou, voltando outra vez para o sertão.

A viagem dos expedicionários foi tranqüila até a ilha de São Sebastião, onde a esquadra estacionou algum tempo. Daí para a frente, como se navegaria em regiões ocupadas pelos tamoios, as precauções foram redobradas.

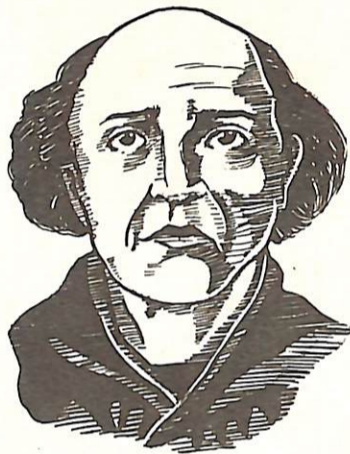
A maioria da esquadra seguiu para o Rio, chegando à ilha Grande, na Angra dos Reis, sem novidade. A capitânia, todavia, por dificuldades de manobra, teve de regressar à ilha de São Sebastião, onde permaneceu vários dias.

O desencontro causou os primeiros atos de indisciplina. Cansados de esperar por Estácio de Sá, os índios e mameucos atacaram os tamoios de frente à ilha, matando muitos dêles e recolhendo víveres. Ai, Anchieta e padre Gonçalo rezaram missas para os expedicionários.

### VENTOS CONTRARIOS

Por esse tempo, a capitânia já saíra de São Sebastião, segundo nos foi informado mais tarde. Mas os ventos contrários não permitiram que Estácio alcançasse os navios pequenos.

A ordem do comandante, no sentido de que não se intentasse ação militar alguma sem sua presença, foi desobedecida. Após seis dias de espera, os índios expedicionários desem-



NÓBREGA  
"Vai, Estácio."

barcaram na restinga da Marambaia e decidiram atacar lateralmente os franceses e tamoios do Rio. Anchieta e os comandantes dos navios não conseguiram contê-los.

A marcha, através da restinga, ocorreu sem dificuldades, já que não se encontrou o inimigo no caminho. Os selvagens, afinal, aceitaram a ponderação de Anchieta, e como eram poucos para um ataque decisivo, resolveram aguardar numa ilha à entrada da baía da Guanabara a vinda de Estácio de Sá.

Enquanto isso, na ilha Grande, o grosso da esquadra prosseguia esperando Estácio. Quando os navios se preparavam para levantar ferros a fim de ajudar os índios já à entrada do Rio, verificaram que a capitânia chegara à ilha

de madrugada e sem ser presenciada. Soldados e marinheiros festejaram a vinda de Estácio com gritos e canções.

### CORRENTEZA ATRASA

Quando tôda a esquadra, incorporada, se pôs ao largo para juntar-se aos índios, sobreveio nova dificuldade. Os navios chegaram quase à vista dos selvagens, mas tiveram de voltar à ilha Grande, em consequência da forte correnteza. A capitânia, com grande risco de se perder, atolou num baixo da ilha. Os outros navios desgarraram, vogando dois ou três dias, ora a vela ora a remos.

Na entrada da baía onde se encontrava este correspondente, as dificuldades de abastecimento e a demora na chegada da esquadra tinham tirado aos índios a vontade de guerrear. Muitos temiminós do Espírito Santo e mameucos e tupiniquins de São Vicente decidiram voltar às suas terras. Quando se votava esta resolução, avistaram um navio que navegava à força de remos. A alegria dominou os expedicionários e a resolução foi adiada. Anteontem, 27 de fevereiro, outros navios foram avistados. Os selvagens atraíram-nos com sinais e os efetivos que se ajuntaram na pequena ilha ficaram em condições de permitir um ataque decisivo contra as posições francesas e tamoios do Rio.

Na base improvisada da ilha, não havia mais gêneros e a água que restava era a de um pequeno poço aberto pelos selvagens. No dia 27 de fevereiro, contudo, o temporal que desabou sobre a base dos expedicionários eliminou o perigo de sede iminente.

### FOME E TRABALHO

Este correspondente viveu horas dramáticas na base à entrada do Rio, ontem. Pela manhã, feito o balanço do que restava de gêneros, verificou-se o total esgotamento de nossas reservas. Os capitães dos navios recém-chegados passaram a apoiar a pretensão

dos índios: morte por morte, preferiram a que a guerra lhes trouxesse, à causada pela inanição. Além do mais, caso atacassem os tamoios, argumentavam, poderiam tomar-lhes alimentos ou roçar a terra que ocupassem ao desembarcar.

Nesta emergência, foi notável o papel desempenhado por Anchieta para preservar a disciplina das tropas. Com muito custo, conseguiu dilatar o prazo de espera por mais um dia, apesar de os navios, sem breu, estarem fazendo água e os seus tripulantes, em consequência, não poderem dormir à noite, manobrando as bombas.

### CHEGA REFORÇO

A situação estava nesse ponto quando, ainda ontem, chegaram da Bahia três navios de reforço para os expedicionários. Seu comandante é João Andrade, da capitania de Ilhéus, que tinha sido enviado por Estácio à Bahia a fim de reunir mais soldados.

Os alimentos que Andrade trazia foram desembarcados imediatamente, para alívio da soldadesca. Tal foi a satisfação da vinda dos reforços baianos que se decidiu tocar imediatamente para o Rio à noite, aproveitando a maré favorável. Pela manhã, quando os navios largavam, apareceram a capitânia e um outro navio desgarrado. Todos juntos afinal, navegamos sob violto temporal. Após tantas peripécias, Estácio de Sá resolveu desembarcar neste mesmo dia, na terra ocupada pelos inimigos.

### CHUVA DA AGUA

Sob o temporal, após o desembarque, a soldadesca pôs-se a trabalhar ativamente, pouca importância dando à proximidade dos franceses e tamoios.

Estácio comandou o desembarque e agora, entre seus expedicionários, dirige a construção de uma cerca no local em que estacionamos.

Há, aqui, uma lagoa formada talvez pelas águas da chuva. Devido ao temporal, formaram-se várias fontes e um grupo de soldados descobriu um filete de água bastante pura, junto a um penedo.

Além disso, iniciou-se, como medida de precaução, a perfuração de um poço dentro do cercado.

Tais obras, levadas a efeito hoje mesmo, são o início da construção de uma verdadeira cidade, objetivo das tropas de Estácio.

## LIVROS E AUTORES



Basiléia (Suíça), 1565

Mais uma tentativa no sentido de aprofundar o trabalho pela unidade do protestantismo e pela conservação e dilatação da doutrina, a exemplo do que tem sido feito em larga escala, na Alemanha: o livro de Jacobo Acontio, lançado este ano, «Estratagemas de Satã». São oito volumes, que procuram principalmente defender a unidade da religião reformista. Apresentamos, na gravura, a portada do último volume.

Paris, 1565

Henri Estienne, da tradicional família de editores franceses, acaba de lançar o primeiro livro de sua própria autoria: «Traité de la conformité du français avec le grec». Sua casa editora, fundada em 1557, independente da de seu pai, foi unida a esta, quando da morte de Robert Estienne, em 1559.

Henri, de grande tino administrativo e grande sapiência (desde a juventude é autoridade em língua grega), tem dado grande expansão às atividades da casa, sem abandonar as atividades intelectuais. Além do «Traité de la conformité», sabemos que está preparando, para lançamento no próximo ano, uma «Apologia de Heródoto» («Apologie pour Hérodote»).

Toulouse, 1565

O jovem bacharel em Direito, Robert Garnier, acaba de estreitar nas letras com uma coletânea de versos: «Plantas Amorasas».

Lisboa, 1565

O sr. Lázaro de Velasco está traduzindo para o português os «Dez livros de arquitetura», de Vitruvius.

Ferrara, 1565

Depois de ter sido «corrido» da Universidade de Bolonha, por ter feito uma sátira contra professores e alunos, o escritor Torquato Tasso passou ao serviço do cardeal Luigi d'Este e partiu para esta cidade, onde já é o favorito da corte.

## ARTE

Tintoreto começou este ano a execução do quadro, cujo tema será Cristo diante de Pilatos. Prometeu-nos prioridade para publicar a reprodução da obra, assim que aprontá-la. Informou-nos também que está quase terminando a execução do seu quadro «Encontro do corpo de S. Marcos».



MAIS UM DE TICIANO — Após a pintura de «Toilette de Vênus» e o «Pecado Original», Ticiano, em grande atividade, acaba de dar os últimos retoques em a «Educação do Amor», que hoje reproduzimos em primeira mão.



# TAMOIOS INICIAM GUERRA NO RIO

Rio de Janeiro, 6, março, 1565 (Urgente)

Enquanto se construía o baluarte desta cidade, os tamoiros, que de longe observavam os trabalhos dos expedicionários, atacaram hoje a cêrca e aprisionaram um índio que ali trabalhava.

Quando se retiravam em suas canoas (quatro) foram percebidos pelos soldados: Imediatamente, lançamos ao mar nossos barcos, na tentativa de recapturar o índio amigo e dar lição ao atrevimento dos tamoiros.

A perseguição, todavia, resultou infrutífera. Os índios desembarcaram num ponto desconhecido do litoral, abandonando suas canoas e armas de guerra (arcos, flechas e espadas). Junto a tais apetrechos, estava o índio raptado, já morto pelos inimigos.

Reunindo o que os tamoiros abandonaram, os soldados perseguidores voltaram a este arraial.

## CILADA

Rio de Janeiro, 11, março, 1565  
(Do correspondente)

Um cilada bem arquitetada ia causando, hoje, a destruição da mais nova cidade da América. Ontem, quando se levantavam os baluartes para a construção da tranqueira da cêrca, apareceu ao largo um navio em que tremulava a bandeira francesa e o capitão Estácio de Sá prontamente armou uma expedição para lhe dar combate.

Alguns oficiais com que falamos mostraram ceticismo quanto à procedência do navio.

Acharam êles que seria difícil que os franceses tivessem chegado à Guanabara depois da nossa entrada. A maioria opinou que tal navio já ali se encontrava antes do dia 1º, possivelmente entregue ao comércio com os tamoiros.

Hoje, com quatro navios de sua esquadra, e deixando pequeno grupo para defender o arraial recém-fundado, Estácio partiu contra os invasores. Ao serem trocados os primeiros tiros, surgiram detrás de uma ponta de morro 48 barcos cheios de tamoiros, que investiram contra a cidade. Estácio percebeu a manobra e recuou para a proteção da retaguarda.

Os navios que o acompanhavam ficaram de guarda contra a nau inimiga.

Na cidadela, soldados e civis da expedição fecharam as prováveis entradas dos invasores.

Uma chuva de flechas caiu contra o arraial, e a luta, corpo a corpo, durou até o anoitecer, quando os tamoiros se puseram em fuga, com fortes baixas.

## NOVO COMBATE

Rio de Janeiro, 12, março, 1565 (Do correspondente)

Mal a cidade respira, livre do ataque desfechado pelos tamoiros, o rumo inesperado dos acontecimentos volta a agitar o pequeno povoado.

Durante o assédio de ontem, como já revelamos, alguns navios da esquadra de Estácio ficaram de guarda junto ao barco que preparou a emboscada contra a cidade. À noite, os franceses procuraram um capitão português e parlamentararam sua rendição.

Disseram-se simples mercadores, que ganhavam a vida no mar, e iam de volta a seu país, levando alguns patriotas radicados na terra. Pediram salvo-conduto para deixar a Guanabara. Se saíssem tranquilamente, comprometiavam-se a fazer com que os que estavam no Rio confiassem nos portugueses. Caso contrário, ateariam fogo aos paióis do navio, incendiando-o.

Sem tempo para consultar Estácio, os capitães dos navios portugueses, reunidos em conselho, permitiram a retirada pacífica dos invasores. Aconteceu, contudo, um imprevisto: os tamoiros fizeram pressão junto a seus aliados contra nossas tropas. Um membro da tripulação de um dos navios disse-nos que chegou a ouvir a entrevista de chefes índios com os franceses. Quando nossos emissários se aproximavam da embarcação francesa, os tamoiros disseram que se estava tramando uma traição e abriram fogo contra êles.

Os franceses de bordo, em sua maioria, lançaram-se ao mar. Os que continuaram a bordo, contudo, descarregaram suas baterias sobre os tamoiros, que ficaram, assim, entre dois fogos.

O numero de baixas entre os índios deve ter sido elevado. Depois do combate, a embarcação francesa, mesmo sem esperar pelos que fugiram para a terra, seguiu viagem tranquilamente.

Falando com Estácio, este correspondente ouviu, após o rápido combate, palavras favoráveis ao que fôra decidido pelo conselho de comandantes. «Pessoalmente, declarou-nos Estácio, aprovo o convênio».

## PARTE ANCHIETA

Rio de Janeiro 31, março, 1565 (Do correspondente)

No navio de João de Andrade, que agora volta à Bahia com instruções para agenciar mantimentos e trazer socorros a esta cidade, seguiu, hoje, o irmão José de Anchieta, que vai ordenar-se em Salvador.

Anchieta foi, aqui, o braço direito do capitão Estácio de Sá e sua viagem deixou desolado o comandante-chefe dos expedicionários. Nos momentos de maior perigo, Anchieta e o padre Gonçalo de Oliveira estimulavam a soldadesca, prometendo-lhes recompensas espirituais após os combates.

Antes de embarcar, todavia, o irmão jesuíta repetiu para nós seu juízo sobre Estácio.

«O capitão é muito amigo de Deus e afável. Nunca descansa de noite e de dia, sendo o primeiro nos trabalhos».

Sobre o que deixa no Rio, frisou: «Já se fizeram muitas roças ao redor do cercado, plantando-se nelas legumes e inhames. Concluiu-se, também, o baluarte forte de taipa de pilão, com alguma artilharia dentro e quatro ou cinco guaritas de madeira e taipa, tôdas cobertas de telhas trazidas de São Vicente. Ao mesmo tempo, estão se construindo novos baluartes. Os índios e mamelucos já edificaram casas de madeira e barro, cobertas com palmas que oferecem muita defesa contra o fogo. Há paz e concórdia. O padre Gonçalo de Oliveira aqui ficará, para dizer missa diariamente. O grande inconveniente do Rio, além da dificuldade de abastecimento, é que aqui estão homens de tôdas as capitânias, há mais de um ano fora de suas casas. Querem voltar para junto de suas famílias. Se os deixam seguir, perde-se o Rio. Se não os deixam embarcar, perde-se o que êles possuem em suas terras.»

E, mais: «A cêrca que se fez não é mais que um pé a tomar posse da terra. Não podemos dilata-la nem sair dela, sem socorro do rei. Basta à cidade chamar-se de São Sebastião para ser favorecida do Senhor e ter merecimentos do glorioso mártir. Deus há de ter memória dos que nela residem e, no futuro, residirão. Daqui snirá muito fruto para a glória do Senhor e salvação das almas», concluiu o jesuíta que já viu serem fundadas duas cidades no Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro.

## EM SOCIEDADE

Pierre de Bourdeille, senhor de Brantôme, fez uma visita a Diana de Poitiers e a achou «tão bela — apesar dos 65 anos — que mesmo um coração de rocha teria se comovido».

«Eu creio — continua êle — que, se esta mulher vivesse cem anos, jamais envelheceria, nem de rosto, tão bem feito êle é, nem de corpo, de tão têmpera é. É pena que a terra cubra corpos belos assim.»

Os protestantes, neste principio de 1565, estão trabalhando ativamente para reconquistar Condé, que, como noticiamos, foi dominado pelos encantos de Isabel, um dos mais sedutores elementos do já famoso «esquadrão volante».

Catarina, no entanto, está disposta a lançar mão de todos os recursos para conservar Condé do seu lado.

\*\*\*

O poeta e músico italiano David Rizzio, que chegou à Escócia no séquito do embaixador Marquês de Marena, era um dos concorrentes à mão de Maria Stuart, de quem já era mentor.

Político hábil, entretanto, acabou achando que o grande partido para a rainha seria mesmo Darnley.

\*\*\*

Toulouse, 1565

Os poetas Guy de Faur de Pibrac e Robert Garnier (que acaba de publicar um livro), entre outros, foram os promotores de uma grande recepção oferecida ao rei Carlos IX e a Catarina de Médicis. Os soberanos tiveram, assim, nesta cidade, uma acolhida muito «literária».

\*\*\*

As damas da sociedade portuguesa têm se destacado muito, também sob o aspecto cultural: este ano, D. Púbia Hortense de Castro (cuja idade, muito indistretamente, tomamos a liberdade de revelar: 26 anos) está, com grande brilhantismo, submetendo-se a concurso, na Universidade de Évora. Na defesa de tese, todo o corpo de examinadores ficou impressionado com a segurança, o desembaraço e a precisão com que se houve a ilustre dama.

\*\*\*

Lisboa, 1565

O jovem rei D. Sebastião, adestrado desde cedo nas artes de bom caçador e cavaleiro, tem a mania de correr canas (brincadeira semelhante às justas) e andar, pelos montes, à caça de animais. Este ano obteve seu primeiro troféu: um belo espécime de porco bravo, morto na tapada de Almeirim. Para uma criança de 11 anos, não deixa de ser uma grande façanha.

\*\*\*

Da França nos informam que se casou o deputado Michel de Montaigne, com Françoise de la Chassagne. O noivo recebeu um dote de £ 7.000 libras.

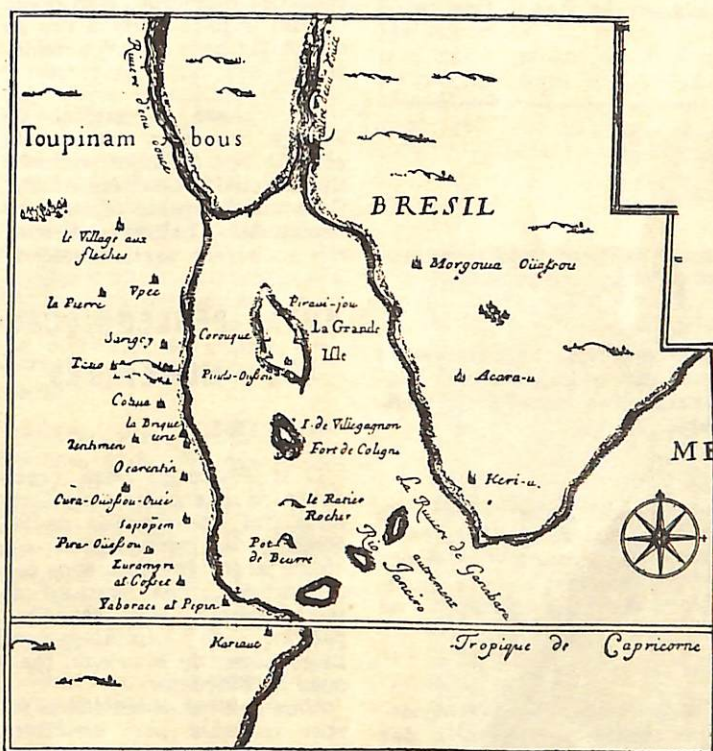


GARNIER

Recepção de poetas a reis

Toulouse, 1565

O bacharel Guy de Faur senhor de Pibrac, figura destacada nos meios literários desta cidade, acaba de ser nomeado advogado geral ao Parlamento de Paris. Seu grande amigo (e também poeta) Robert Garnier, embora contente com a ascensão do companheiro, não esconde de ninguém a falta que vai sentir de Guy, nas reuniões literárias. Aliás, tôdas as rodas da sociedade também estão lamentando o afastamento dessa figura a que já se tinham acostumado.



RIO DE JANEIRO

Assim o viu André Thevet, com ilhas muito grandes à entrada de sua barra



# Façam do Rio uma cidade de bons frutos

*Sob a proteção do santo mártir (São Sebastião) e invocação do jovem rei de Portugal, brasileiros e portugueses decidiram, afinal, enfrentar a cobiça de franceses no sul do Brasil. O jovem capitão Estácio de Sá, cumprindo a vontade do tio governador, acaba de lançar os fundamentos da cidade (por enquanto apenas entrincheirada) de São Sebastião do Rio de Janeiro.*

*"Levantemos — disse ele — a cidade, que ficará por memória do nosso heroísmo e do exemplo de valor às vindouras gerações, para ser a rainha das províncias e o empório das riquezas do mundo."*

*Há dez anos, apesar de alertadas, as autoridades portuguesas foram impotentes para evitar o esbulho que Villegagnon executou em nome de seu governo e de pseudoprincípios de liberdade religiosa. A luta para a expulsão dos herejes findou inglôriamente. O fortim Coligny, dentro da Guanabara, foi arrasado e a heresia recuou, mas não expirou. O Rio de Janeiro, que Pero Lopes de Sousa chamou de a "região de excelentes águas e gentis habitantes", caiu no olvido outra vez.*

*Os franceses, cativos de tais excelências ou gentilezas, voltaram, com seu séquito de heresias, a ameaçar a unidade do país. A luta teria de recomeçar, como recomeçou, a exigir novos sacrifícios, em consequência da inércia que se seguiu à vitória nas armas.*

*Hoje, não podemos ainda dizer que portugueses e brasileiros conseguirão firmar pé no Rio. A cidade que fundaram é apenas uma trincheira onde soldados e povoadores vivem momentos dramáticos para levar a cabo sua missão da mais alta importância: colonizar a região, levando aos tamoios a Igreja de Cristo.*

*Anchieta, um dos heróis da fundação, teve palavras esperançosas sobre o futuro da cidade e nós fazemos votos para que elas se concretizem. Se Deus conceder a portugueses e brasileiros a vitória na guerra, que os vitoriosos aproveitem a paz e façam do Rio uma cidade de bons frutos, agora e no futuro.*

## ACONTECEU

Shane O'Neill, que desde a morte de Henrique VIII vem lutando contra Brian Dugannon, criando neste país uma guerra civil de clãs, tornou-se uma espécie de rei de sua ilha, pelo menos de Ulster.

Shane está rompido com Elizabeth desde 1560 e espera-se a qualquer momento que ela hostilize a família inimiga. (Irlanda)

O agora cardeal Santa-Croce escreveu a Borromeu, dizendo que do chanceler Hospital «cada dia nascem frutos venenosos».

Catarina de Médicis encontrou-se este ano em Bayonne com sua filha Elisabete e o duque de Alba que, entre outros, representavam o rei Filipe II. Catarina não saiu muito satisfeita das conversações.

Motivo: alguns dos seus projetos foram contrariados.

Os muçulmanos destruíram este ano o império de Vijaynagar, na batalha de Talikota.

O cardeal italiano René de Birague, que se encontra refugiado na França há muito tempo, solicitou (e foi atendido) sua naturalização ao governo.

O governo espanhol conseguiu conter uma revolta dos turcos nesta cidade e imediatamente, para destruir as últimas resistências, deportou os mouros das planícies de Granada, abastecedores dos bandos que se mantêm nas montanhas.

## A MODA COMO ELA É

Está diferente a nossa seção de modas, hoje. Tratamos da moda campesina, em todo o seu pitoresco e com toda a sua simplicidade: um músico do campo, na Espanha. Essa figura é popularíssima, em toda a região agrícola espanhola. Vejam seus trajes, rudimentares, é claro, mas originais: sapatos grosseiros, a calça colada ao corpo, com ligas à altura dos joelhos e o camisão com dois cortes laterais. Por clima de tudo ainda há um casaco vermelho, grosso e pesado. Mas o mais interessante mesmo parece ser o seu chapéu, redondo, quase em forma de capacete, e com uma fitinha atravessada ao meio. Quanto ao instrumento musical que carrega, é o mais comum em toda essa região espanhola: uma espécie de gaita de fole.



# Morto o 2.º comandante da Companhia de Jesus

Roma, 19, janeiro, 1565

A Igreja perdeu hoje um dos seus maiores chefes: Diego Laínez, Geral da Companhia de Jesus.

## A CARREIRA DE LAÍNEZ

Os últimos anos de vida de Laínez foram de excepcional atividade. Além das naturais preocupações do cargo, desempenhou várias missões de confiança do Papado. Em 1561 passou à França, como legado de Pio IV, para combater os erros do calvinismo. Em Poissy celebrou um colóquio com Teodoro de Beza, campeão do huguenotismo, do qual saiu robustecida a fé católica da Corte. Em 62 assistiu à última reunião do Concílio de Trento.

Nascido em Almazán em 1512, filho de Juan Laínez e de Isabel Gómez de León, Laínez fez os seus estudos médios nas escolas de Sória e Sigüenza. Ingressou logo na Universidade de Alcalá para estudar filosofia e se graduou mestre de artes a 26 de outubro de 1532. Nesta época, conheceu Salmerón, com quem decidiu ir para Paris a fim de completar seus estudos teológicos.

Ao chegar à capital da França, entraram em contato com Loiola, de cujas virtudes tinham ouvido falar em Alcalá. Catequizados pelos «Exercícios Espirituais», Laínez e Salmerón acabaram participando do

## NOVAS PERSEGUIÇÕES AOS "MUDÉJARES"

Madri, 1565

O sr. Pedro de Deza, presidente da chancelaria de Granada, foi encarregado de recomeçar as perseguições aos «mudéjares» (muçulmanos não convertidos, mas vassalos do rei), apesar dos conselhos pacíficos do capitão-general Iñigo Lopez de Mendoza, marqués de Mondejar.

Uma das providências a serem tomadas pelo sr. Deza será mandar todos os filhos de mudéjares para as escolas, onde receberão educação cristã.

Os meios governamentais temem reação e até agitações em consequência do ato.

famoso voto de Montmartre, em 15 de agosto de 1534. Com seus companheiros, Laínez foi para Veneza, com o propósito de ir a Jerusalém, mas não conseguiram o objetivo.

Ordenado sacerdote em 1537, Laínez foi com Loiola para Roma, onde ensinou teologia na «Sapienza». Até 1540, pregou em Parma e Placência.

Depois de aprovada a Companhia de Jesus, atuou como pregador apostólico em Veneza, Pádua, Bréscia, Vicenza e Bassano.

Em 1545 foi nomeado teólogo pontifício para a primeira



LAÍNEZ

O Espírito Santo iluminou-lhe os passos.

sessão do Concílio de Trento, onde se destacou, logo, por sua sábia doutrina sobre a Justificação e contra os erros dos protestantes. Ao interromper-se o Concílio em 47, Laínez prosseguiu sua missão evangélica na Itália meridional. Pregou em Nápoles e em Palermo e seguiu para o costa africana com a expedição a Túnez.

Participou novamente do Concílio tridentino em 1551 e desta vez afirmou a verdade católica sobre a Eucaristia e a Missa. Nomeado provincial da Companhia para a Itália do norte, desempenhou com

## MÚSICA

Tem sido muito cantada a canção anônima que leva o título «Chanson des papaux et huguenotes». São dezenas de estrofes em forma dialogada e num tom de debate. Como não seria possível reproduzir toda a canção, recolhemos as duas primeiras estrofes para os leitores:

**PAPISTAS** — A sorte virou, Apesar dos huguenotes A missa voltou, Vivam os cardeais.

**HUGUENOTES** — Vocês não fomentarão mais guerras, Ó senhores papistas, Vocês serão tão insignificantes Quanto os velhos sapos.

## EDUCAÇÃO E ENSINO

Coimbra, 1565

D. Antônio Pinheiro, bispo de Miranda, em visita oficial que acaba de fazer à Universidade de Coimbra, ordenou que nova reforma de ensino se realizasse lá. Consiste ela, na criação dos chamados «Quintos estatutos».

Duraram pouco os «Quintos estatutos», em vigência durante apenas seis anos. A universidade, aliás, está necessitando de uma reforma radical, da qual se tem cogitado desde sua trasladação de Lisboa para cá (1537).

Esperemos que estes estatutos estejam satisfatórios e fiquem em definitivo.

## JURAMENTO DE RELIGIÃO

Os candidatos a doutorado em qualquer Universidade italiana terão, agora, que fazer um juramento de religião. Esta decisão foi tomada pela Igreja, este ano, para afastar das escolas superiores os mal encaminhados na fé.

**O BRASIL EM JORNAL**  
R. México, 119, 12º and.  
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807  
SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA - Rio

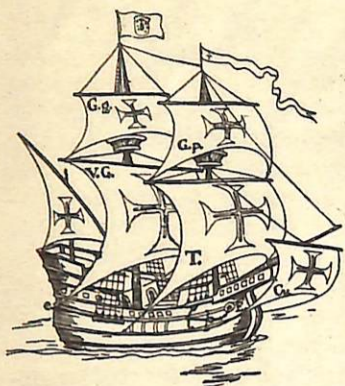
Direção  
AMARAL NETTO  
Assessor da Diretoria  
LUIZ PIETSCH JUNIOR  
Assessoria  
GUSTAVO BARROSO  
JAYME COELHO  
Redação  
CLAUDIO SOARES  
RUBEM DE AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA  
MARCOS DE CASTRO  
Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO  
Ilustração  
ADAIL  
Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

São Paulo  
AGENCIA POLANO  
Rua João Bricóla, 32

ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00  
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00  
Nº ATRASADO... Cr\$ 15,00



# ESQUADRA FRANCESA DERROTADA POR ESTÁCIO



Nossa coluna militar hoje está diferente. Num homenagem à armada portuguesa e para maior difusão dos conhecimentos náuticos de nossos leitores, apresentamos uma das mais modernas caravelas de Portugal, mostrada, pormenorizadamente, em tôdas as suas partes: Cv. — cevadeira; e. — escotas; E. — escovém; G. g. — gávea grande; G. p. — gávea de proa; T. — traquete; V. G. — vela grande.

Rio de Janeiro, 30, maio, 1565 (Do correspondente)

Já com uma capela dedicada a São Sebastião, construída por Francisco Velho, e missas diárias, a cidade nem parece o centro de grandes operações militares.

Os tamoiros observam, de longe, os expedicionários, mas não se atrevem a atacá-los. Na enseada fronteira ao baluarte, os navios descansam, enquanto a marujada pesca ou se distrai jogando cartas e dados. Apesar de tôda a aparência de calma, o capitão mantém a guarda sempre vigilante, junto às peças de artilharia.

O único desassossêgo no arraial, por incrível que pareça, provém do padre Gonçalo de Oliveira, que a soldadesca considera de gênio diferente do de Anchieta. Circulam os boatos mais disparatados. Fala-se que o sobrinho de Villegagnon, sr. Bois-le-Comte, estaria prestes a chegar ao Rio com reforços para os invasores.

A par de tais rumores, constatamos apenas um movimento exagerado de tropas tamoiros defronte de nossas posições. Centenas de canoas têm chegado diariamente de vários pontos. Por outro lado, apurou-se, também, que a base francesa em Cabo Frio está concentrando efetivos, mas não se sabe com que objetivo.

## GUERRA OUTRA VEZ

Rio de Janeiro, 2, junho, 1565 (Urgente)

A tentativa de 3 navios inimigos, para romper a barreira

da guarnição brasileiro-portuguesa, ontem, voltou a interromper o período de relativa tranquilidade nesta cidade.

A pequena esquadra francesa vinha de Cabo Frio e, ao querer passar pela barra, abriu fogo contra São Sebastião. Imediatamente, o capitão Estácio de Sá ordenou que seus navios se lançassem à ação. Fugindo ao fogo da nossa fortaleza, a capitânia inimiga foi de encontro a uma laje na barra e adernou.

Estácio dividiu seus homens, determinando que parte deles defendesse o cercado, enquanto os outros pelejassem nos navios. Franceses e tamoiros desfecharam ataques simultâneos em terra e no mar. Um marujo da capitânia portuguesa informou-nos que o comandante francês da invasão fôra morto. Em terra, os defensores da cidade rechaçaram os tamoiros, infligindo-lhes pesadas baixas.

Apos a luta, que durou até a noitinha de ontem, os inimigos se retiraram da Guanabara, com os navios danificados, e os tamoiros suspenderam o cerco ao Rio. A coragem de índios e portugueses salvou a cidade.

Dentre os prejuízos que sofremos, conta-se a morte de alguns aliados (poucos) e as avarias sofridas pela capitânia da esquadra. Em conversa conosco, o capitão Estácio de Sá adiantou que enviará o navio à Bahia, para que o reparem.

## Doou o corpo para matar fome de náufragos

Lisboa, 4, outubro, 1565 (Do correspondente)

Um homem que ofereceu o próprio corpo para alimentar dezenas de companheiros famintos, evitando, assim, a profanação de cadáveres, chegou ontem a esta cidade pelo navio «Santo Antônio», depois de três meses de viagem cheia de peripécias incríveis através do Oceano Atlântico.

Ontem, quando Rodrigo Alvares de Atouguia juntou a família e uns amigos para um passeio marítimo em sua barca, tudo indicava que teriam belo piquenique. Dali a horas, porém, o alegre passeio acabou diante de uma visão macabra: do «Santo Antônio», com as velas desfeitas e sem leme, partiam gritos de socorro. Eram 30 restos de homens esqueléticos, que, de joelhos no tombadilho, pediam que os salvassem.

Um vulto apareceu na amurada do «Santo Antônio» e em poucas palavras explicou a situação: chamava-se Jorge de Albuquerque Coelho, vinha do Brasil com quarenta companheiros e estava, depois de mil dificuldades, à beira da morte, já que o navio não tinha governo e ameaçava arrebentar-se nas pedras. Atouguia deu-lhes alimento e os rebocou até a entrada do Tejo.

### IRRECONHECIVEL

Após o desembarque em Belém, Jorge de Albuquerque foi em procissão, com seus companheiros, à igreja de Nossa Senhora da Luz. No caminho, enquanto conversava conosco, deu-se um incidente entre ele e seu primo Jerônimo de Moura, que o estava procurando.

Moura aproximou-se de nós e perguntou-lhe:

— Por favor, onde está Jorge de Albuquerque? Vai adiante ou tomou outro caminho?

— Jorge de Albuquerque não vai adiante nem tomou outro caminho, respondeu-lhe Albuquerque.

Jerônimo supôs que estivessem a brincar com ele e repetiu a pergunta.

— Se visseis Albuquerque conhecê-lo-íeis?, perguntou-lhe Jorge.

— Certamente!

— Pois eu sou Jorge de Albuquerque e vós sois meu primo Jerônimo de Moura.

Jerônimo quase desmaiou de surpresa. Enquanto socorria o primo, Jorge explicou-nos que sofrera tantas vicissitudes que seu aspecto físico estava inteiramente mudado.

### PRISIONEIRO DE FRANCESES

Albuquerque é filho de Duarte Coelho, ex-donatário de Pernambuco. Com seu irmão Duarte, acabara de pacificar a terra pernambucana e resolvera, então, passar algum tempo em Portugal. Partiu de Olinda, com 40 companheiros, em 16 de maio último. Mal saíram da barra, quando o vento os fez voltar. Em Olinda, houve quem lhe dissesse que aquilo era mau sinal. Mas resolveu embarcar, outra vez, em 29 de junho.

Cinco dias depois, tiveram as primeiras dificuldades. O casco do navio abriu-se e os marujos trabalharam nas bombas noite e dia. Decidiram ir à ilha de Cabo Verde. A caminho dali, encontraram um navio francês que os perseguiu, sem nada conseguir. Dai por diante, enfrentaram calmarias, quando

a comida estava quase acabada. No dia 3 de setembro, um corsário francês alcançou a «Santo Antônio».

A marujada quis render-se de pronto, mas Albuquerque não o permitiu. Com seis voluntários, armou a defesa do navio e enfrentou os corsários durante três dias. Os que se negaram a lutar, como já sentissem fome, resolveram entregar-se.

Albuquerque conta-nos o que se passou:

— O piloto e o mestre do «Santo Antônio» prepararam a traição sem que eu de nada soubesse. Quando dei por ela, já dezessete franceses estavam diante de nós.

Nesse ponto, um dos que combateram a seu lado narra-nos o que o capitão, por modéstia, ia ocultando.

— O pirata, disse-nos, dirigiu-se a Albuquerque, quando soube que fôra ele quem chefiara o «Santo Antônio» e observou:

«Que coração temerário é o teu, homem, que tentaste a defesa desta nau, tendo tão poucos petrechos de guerra, contra a nossa, que vem bem armada?»

«Nisso, respondeu-lhe Albuquerque, podes ver que fui infeliz, em embarcar tão despreparado para a guerra. Aliás, a boa fortuna que tive, agradece-a à traição de meus companheiros. Se me houvessem ajudado, não estaria aqui como vencedor nem eu como vencido.»

Albuquerque interrompe o companheiro e prossegue em seu relato.

«Os franceses decidiram poupar-me e levar-nos para a França. Planejamos, então, eliminar os inimigos em nosso navio e romper as amarras que nos ligavam ao navio pirata. Houve uma tempestade

## RIO TIROU CIRURGIÕES BARBEIROS DE S. VICENTE

São Vicente, 23, junho, 1565

Por causa da luta no Rio de Janeiro, São Vicente está sem cirurgiões-barbeiros — foi o que informou, hoje, o padre Leonardo Nunes à reportagem.

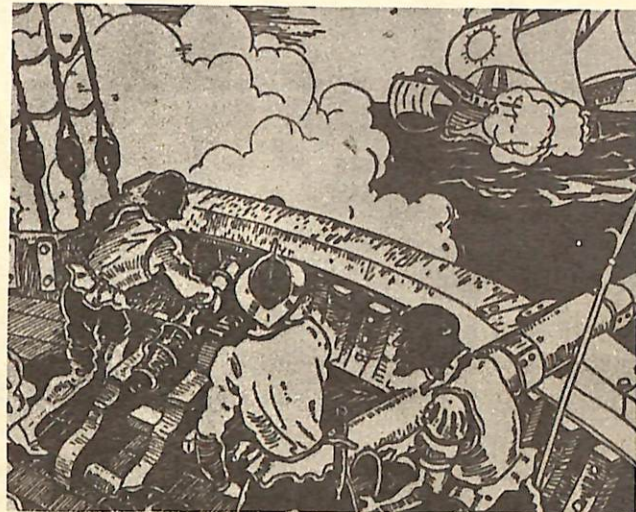
Tôdas as pessoas habilitadas, segundo o padre, se inscreveram na armada de reconquista. Sobre o possível resultado da batalha contra os franceses, frisou que é Deus quem luta pelos brasileiros e portugueses. «Nós não temos all armas para enfrentar os inimigos».

### APELO

Bahia, 13, julho, 1565

«Não se perca com negligência o que com tanto sacrifício se conseguiu no Rio». Com estas palavras o padre Quirício Caxa dirigiu veemente apêlo à rainha-mãe de Portugal, D. Catarina, e ao cardeal-regente D. Henrique.

Mais adiante, diz Caxa: «Se os merecimentos dos capitães fazem alguma coisa para serem ajudados e favorecidos nas coisas árduas e grandes que empreendem em serviço de seu rei e senhor, os de Estácio são tais quais convêm a um capitão afamado por sua prudência e siso para determinar.»



No flagrante, exclusivo para o BRASIL EM JORNAL, colhido no «Santo Antônio», os poucos artilheiros de Jorge de Albuquerque enfrentam a nau pirata dos franceses



# Sangue tamoio tinge a Baía de Guanabara

SOLIMÃO E  
MAXIMILIANO  
EM GUERRA

Constantinopla, 1º, maio, 1565

Rio de Janeiro, junho, 1565 (Do correspondente)

*Cansados de olhar, apenas olhar, o interior da Guanabara, sem mais conhecimentos sobre ela, uma expedição portuguesa-brasileira, em 6 canoas, foi mandada em exploração pelo interior da baía.*

*Este correspondente, infelizmente, não pôde seguir os exploradores, que se demoraram dois dias correndo as águas sempre azuis da baía.*

*Assistimos, contudo, à entrevista dos exploradores com Estácio e percebemos que o capitão não revelou grande contentamento com o que eles lhe contaram.*

Aproveitando a tranquilidade reinante, informamos que desde os primeiros dias da fundação, a cidade tem seu juiz ordinário. Trata-se de Pedro Martins Namorado, que há pouco mais de 20 anos ocupou a magistratura pedânea de Santos.

A função de Estácio, lembramos, não se limita a guerrear os inimigos. Seu objetivo, aqui, é colonizar. Cumprindo-o, Estácio deu à cidade um escudo: um feixe de setas, que simbolizam o martírio de São Sebastião, padroeiro do arraial. Para a soldadesca jamais um escudo traduziu tão bem as dificuldades para a fundação de uma cidade. Naturalmente, lembram-se ainda dos ataques desfechados pelos tamoios.

Entre outras autoridades já nomeadas por Estácio, figuram: João Prose (procurador municipal), Antônio Martins (oficial de justiça) e Pedro da Costa, tabelião do público e judicial.

## TERRAS PARA COLÉGIO

Rio de Janeiro, 1º, julho, 1565

"Dou para o colégio dos jesuítas no Rio de Janeiro as terras que me pede o padre Gonçalo de Oliveira". Com este despacho, hoje, o capitão Estácio de Sá dá mais um passo importante no cumprimento de sua missão aqui.

Há dias, o padre Oliveira encaminhou-lhe um requerimento, solicitando-lhe terras num lugar chamado de Iguacu, cerca de 9 quilômetros daqui, até Inhaúma.

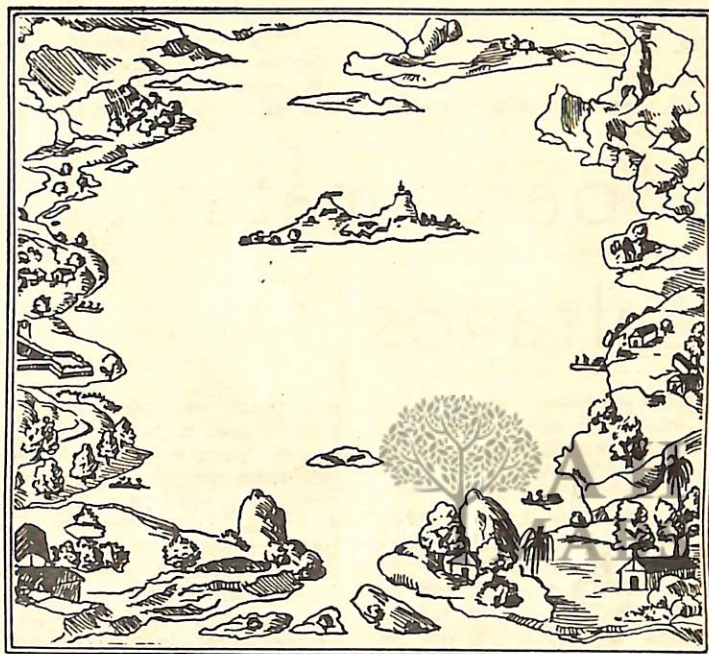
Justificando-se, diz o padre que tal colégio seria uma porta aberta à recuperação de tantas almas perdidas do gentio da terra.

## GUERRA E TERRAS

Rio de Janeiro, 14, julho, 1565

Mais uma vez a guerra tingiu de sangue as águas

azuis da Guanabara. Num encontro, ontem, entre tamoios e tropas comandadas por Belchior de Azeve-



RIO E SUA BAÍA

Jean de Léry, que aqui esteve, viu, em 1558, o Rio de Janeiro e sua baía com este formato

do, os expedicionários mataram dois chefes índios, abateram dezenas de tamoios e aprisionaram vários inimigos.

O combate se deu próximo à ilha de Paquetá, no fundo da baía. Anteontem, de madrugada, Belchior fôra incumbido pelo capitão de fazer novo exame das regiões mal conhecidas da Guanabara.

Hoje, quando ele aqui chegou, trazendo seus prisioneiros e contando as façanhas que realizara, Estácio decidiu elogiá-lo em ordem do dia, fazendo com que se assinalassem seus feitos de guerra, para futura recompensa.

"O mar, declarou-nos um soldado que participou da expedição, ficou vermelho do sangue dos tamoios".

Ao lado de tais acontecimentos, o capitão determinou, no dia 11, que Pedro Rodrigues recebesse dois quinhões de terra para néles fazer plantações. O primeiro, a ilha

defronte de Meresgitiba; o segundo, três quilômetros de testada e de lado, ao longo da costa de Pina Sape.

Explicou-nos Pedro Rodrigues que é casado e tem filhos, que pretende aproveitar seus quinhões para roças de mantimentos.

"A ilha de Merisgitiba, disse, é onde se ia buscar a madeira necessária às construções na ilha de Vergalhão. Pina Sape fica

no fundo da baía, lado nordeste, e confronta com as terras também pedidas por João Rodrigues, de São Vicente, e expedicionário como eu."

Sobre o teor das concessões, explicou-nos ele que o capitão as condicionou a seu efetivo aproveitamento, em três anos.

Na ilha terá de permitir que se construam estradas, pontes etc. Por ela, pagará mil réis que se destinarão às obras da cidade. Outro tanto lhe custarão as terras em Pina Sape, com a mesma finalidade.

"Falta apenas, concluiu, que o escrivão Pedro da Costa me dê o traslado das concessões."

## ASSASSINADO O XOGUM

Kyoto, Japão, 1565

Acaba de ser assassinado nesta cidade o «xogum» Achikaga Yochitêsou. Ocupará o posto seu irmão, um monge de Nara.

Nobounaga, um dos poderosos do país, entrou na capital como mandatário do «bakoufou». Ele recebeu o título de «vice-xogum».

# "Vassoura para varrer a traição da terra russa"

Moscú, 3, janeiro, 1565

Ainda profundamente impressionados com a «fuga» do czar Ivan, somente hoje os moscovitas tiveram a primeira notícia dele, diretamente do burgo de Alexandrovsk, confirmando «furo» de O BRASIL EM JORNAL.

Foi através do metropolitano Anastásio, que recebeu uma carta de Ivan, onde o czar lamenta amargamente as desonestas manobras dos boiardos «contra ele e contra a pátria comum», denuncia a complacência do clero para com os delitos dos grandes e fala de sua firme decisão de abandonar as rédeas do governo para viver longe das intrigas palacianas e das traições da nobreza, «em lugar que o Senhor me indicará».

## REGRESSOU IVAN

Moscú, dezembro, 1565

«Prontos a morder os inimigos do czar e varrer a traição da terra russa», esse o significado de uma cabeça de cão e uma vassoura, insígnia que usa a nova guarda de Ivan, o Terrível, presa à sela de seu cavalo. Essa guarda é composta de 1.000 homens.

## A «OPRITCHNINA»

Ivan, quando regressou de Alexandrovsk, reassumiu o poder em circunstâncias muito especiais. Só consentiu em voltar ao governo tendo plena e inteira liberdade de castigar todo aquele

que considerasse inimigo da pátria e nefasto ao bom funcionamento dos negócios públicos e, ainda mais: ao czar seria permitido apropriar-se de uma certa parte do patrimônio nacional, tanto mobiliário como imobiliário: «opritchnina».

Em resumo: o Estado foi dividido em duas partes: a «opritchnina», administrada com exclusividade pelo czar, compreende um certo número de distritos em diferentes províncias e ainda alguns bairros de Moscú. Nessa parte de Moscú é que os novos habitantes tomaram o nome de «opritchnikis», gente da mais absoluta confiança do czar.

A outra — «zemchtnina» — continuará a ser governada por um conselho de boiardos (Dou-

ma), mas mesmo nela o czar reserva para si uma grande lista civil e ainda o direito de «punir a traição». A partilha entre os dois Estados foi executada rigorosamente e a Rússia toma assim uma nova feição, a partir de agora.

Porque o sultão Solimão exigiu o pagamento do tributo (30 mil ducados) estabelecido pela paz assinada com Fernando, no ano passado, Maximiliano iniciou uma guerra para retomar a Transilvânia e diversas praças húngaras.

## FOGUETES NA FESTA DE S. PEDRO

Pôrto Seguro, 29, junho, 1565

Com foguetes e rodas de fogo, missas, procissões e cantos, a cidade festejou, hoje, o dia de São Pedro.

Um padre com quem falamos, satisfeito com a alegria popular a que não faltou a colaboração dos indiozinhos, frisou a situação difícil da Igreja, no lugar.

"São Pedro, disse-nos, teve sua festa. Mas, para que a organizássemos, lutamos com inúmeros problemas. Assim, os ornamentos do altar tiveram de ser improvisados. Na falta de tecidos apropriados, usamos papel".

## COLEÇÕES COMPLETAS

Você pode adquirir a coleção completa de O BRASIL EM JORNAL (A História em Notícias) na Editora Reforma S. A., Rua México, 119, 12º andar, Rio, tel.: 22-6307.

Os 22 números atrasados com reportagens, notícias, editoriais e seções que contam a História do Brasil e do mundo desde 1500, custam apenas Cr\$ 220,00.

Tome hoje mesmo uma assinatura deste jornal que, com a maior autenticidade, educa divertindo.



A revolta deste ano nos Países-Baixos não teve apenas causas religiosas. Influência importante para a situação de tumulto tiveram os problemas econômicos, entre eles a taxaçaõ alta e a restrição do comércio em benefício dos mercadores espanhóis.

★

A invasão dos metais americanos na Europa, principalmente do metal branco, ultrapassou, nestes últimos cinco anos, a um bilhão de maravedis, somente na Espanha.

O aumento na importação desses metais deve-se à aplicação do processo de amálgama à prata, a partir de 1554.

★

O primeiro secretário de Estado inglês, lord William Cecil, prossequindo com sua política econômica, baixou um ato proibindo a venda de «diversas mercadorias estrangeiras feitas por artesãos de além-mar».

Igreja  
de Ilhéus  
é pobre  
e bonita

Ilhéus, 15, agosto, 1565 (de Jorge Rodrigues, especial para O BRASIL EM JORNAL)

Na igreja fresca e nova desta cidade, o povo festejou, hoje, solenemente, o dia de Nossa Senhora da Assunção. Houve naturalmente missas e procissões, mas o que atraiu a atenção de nossa reportagem foi o apuro, apesar da pobreza, do templo em que o povo se reuniu para orar.

Os ornamentos da igreja são poucos, mas bonitos. Como quase não há tecidos na terra, os padres resolveram o problema dando maior relevo às obras de carpintaria no interior do templo.

Tôdas as grades são de madeira vermelha e os balaústres torneados. Os entretalhos contêm a Ave-Maria até a palavra "Jesus", de letras grandes, com laçarias.

# Quem construiu casa de pedra no Rio?

Rio de Janeiro, 16, julho, 1565 (Do correspondente)

Apondo sua rubrica no verso de uma petição que lhe dirigiram os moradores do Rio, o capitão Estácio de Sá concedeu, hoje, para terras públicas, principalmente para pastagem do gado, quatro quilômetros e meio de terras, a partir de uma casa de pedra existente na Carioca, seguindo ao longo da baía até onde esta se acabar e daí para o sertão, na mesma extensão.

Tais terras são do patrimônio coletivo e um perito em direito público assegurou-nos que o ato de Estácio legitima a posse da região guanabarina. Dentro de breves dias, haverá a solenidade da ocupação.

## TERRA NA MÃO

Rio de Janeiro, 24, julho, 1565 (Do correspondente)

Com terra, pedra, água e gravetos que o oficial de Justiça lhe pôs nas mãos, o procurador João Prose recebeu, hoje, em nome do povo, as terras doadas por Estácio de Sá.

Simbolicamente, Prose deu alguns passos na região de que se empossava e assim se constituiu o patrimônio territorial da cidade.

Hoje, o capitão, saindo com quase todos os moradores do arraial fortificado, em solene procissão, foi até à casa de pedra na Carioca, onde tiveram lugar os atos simbólicos da tomada de posse.

O povo repetiu, oralmente, o que já fôra solicitado em requerimento e o capitão acedeu. Em seguida, o escrivão Martins apanhou do chão um punhado de terra e o depositou nas mãos de Prose. A partir deste momento, repetindo cerimonial que data de muitos anos, a terra passou a pertencer à população.

Alegremente, soldados, marujos e povo voltaram, depois, para o estreito arraial de São Sebastião.

Sobre a casa de pedra onde hoje estivemos a fim de tomar posse solene da terra, procuramos ouvir alguns elementos radicados no Brasil há muito tempo. As informações foram as mais descontraídas.

Disse-nos um soldado de São Vicente que em 1558 ela já existia e o governador Men de Sá, em informes ao governo português, dava até sua localização: junto de uma aguada, à distância de um tiro de canhão da laje. Seus cons-

trutores, disse-nos êle, foram os próprios franceses.

## ESCÓCIA TEM REIS CATÓLICOS

### Casou-se Maria com um primo

Edinburgo, 29, julho, 1565

Sem esperar nem mesmo a autorização papal, casou-se ontem nesta cidade, repentinamente e para surpresa de toda a Escócia, a rainha Maria Stuart com seu primo católico Henrique Stuart, duque de Darnley. O casamento realizou-se na capela de Holyrood, seguindo

do os ritos da Igreja romana. Henrique (21 anos), que é dois anos mais moço que sua prima, descende dos Tudor, pelo lado de sua mãe, sobrinha de Henrique VIII.

Depois da cerimônia, Maria publicou uma proclamação que confere a seu espôso o título de rei da Escócia e ordena que, no futuro, as leis sejam

promulgadas em nome da rainha e do rei.

Em lugar de recolher-se aos aposentos reais com seu marido, logo depois do casamento, como é de praxe, Maria entregou-se às mãos de suas damas, mudou de roupa e presidiu às festividades até à noite.

A surpresa, no caso, não está propriamente no casamento, planejado por Maria há muito tempo, pelo menos desde a chegada de seu primo à Corte, há sete meses. Está no inesperado do acontecimento, que ainda não estava marcado, sequer programado.

Sabe-se, entretanto, que o que o precipitou foi a recente conspiração de Murray e dos demais chefes da Congregação protestante: Argyll, Glencairn Boyd, Ochiltree e o duque de Chatellerauld, no sentido de executar Henrique e aprisionar Maria. Quando, convocados por Maria para uma reunião em Edinburgo, recusaram-se a comparecer e, ainda por cima, levaram suas queixas a Elizabeth, fizeram pingar a gôta d'água com a qual a taça transbordou.

Sobre a temperamental Maria, o nome de Elizabeth, sua grande rival, age de maneira singular. O ódio subiu-lhe à cabeça e ela, sentindo-se profundamente insultada, resolveu mostrar-se, enfim, uma rainha independente. Daí, parece, nasceu a idéia de realizar-se imediatamente o casamento a que o país assistiu hoje.

A Escócia tem agora dois soberanos católicos.



DARNLEY

Marido de Maria e rei da Escócia.

40 MIL  
TURCOS  
EXPULSOS  
DE MALTA

Malta, setembro, 1565

Depois de quatro meses resistindo ao cerco de 40 mil turcos, os cavaleiros de São João de Jerusalém, comandados pelo grão-mestre Jean de la Valette, conseguiram repelir o ataque a esta ilha.

O êxito das tropas cristãs deve-se não só às poderosas fortificações, como ao reforço de Garcia de Toledo. Só o forte Saint-Elme foi assaltado. Os soldados de Solimão fugiram logo.



# NOMEADO POR MEN DE SÁ O PRIMEIRO ALCAIDE DO RIO

Rio de Janeiro, 23, setembro, 1565 (Do correspondente)

Soube-se, agora, que o governador-geral do Brasil, sr. Men de Sá, nomeou dia 18 o primeiro alcaide desta cidade: sr. Francisco Dias Pinto. No dia 20, o sr. Pedro da Costa foi nomeado escrivão das sesmarias e tabelião de notas.

A solenidade da posse dos dois nomeados ainda não foi marcada.

## INDIOS VOLTAM A ATACAR

Rio de Janeiro, 15, outubro, 1565

Hoje, quando sete canoas portuguesas saíram do arraial, em busca de prêsas, uma multidão de tamoiros, em 64 embarcações, atacou-os inesperadamente.

Percebido o que se passava no mar, saíram imediatamente mais sete canoas da fortaleza em ajuda de nossos companheiros. O combate estendeu-se por algumas horas e, afinal, conseguimos aprisionar quatro barcos tamoiros. O resto se pôs em fuga.

## GANHOU A CASA

Rio de Janeiro, 5, novembro, 1565 (Do correspondente)

A casa de pedra da Carioca, que tanta discussão causou entre os expedicionários, foi hoje concedida a Pedro Martins Namorado pelo capitão Estácio de Sá.

A doação se destinaria à morada de Pedro Martins mas, pessoalmente, duvidamos que ele tão cedo possa usá-la. Fora da cerca do Rio, a vida está sempre por um fio, tais as manhas dos tamoiros. As emboscadas que os inimigos preparam não permitem que nos consideremos em segurança longe das tropas.

De qualquer modo, a doação está feita. Ao que nos infor-

## Portugueses abandonaram Cota (Ceilão)

Cota, novembro, 1565

(Urgente)

Sem homens e sem recursos materiais, os portugueses abandonaram a fortaleza que haviam construído aqui, em plena ilha de Ceilão.

Os cingaleses vinham atacando a guarnição portuguesa a miúdo, criando sérios embaraços à defesa do forte. Agora, depois de falhados, perante o governador da Índia, sr. Antão de Noronha, os esforços no sentido de se fortificarem as posições de Cota, o comando português ordenou a retirada das tropas, com a destruição dos postos artilhados.

mou uma fonte ligada a Estácio, outros a desejavam.



MEN DE SÁ  
Governo para o Rio

## FIM DE ANO NO RIO

Rio de Janeiro, 3 dezembro, 1565 (Do correspondente)

O ano está prestes a acabar-se e, do nosso último despacho até hoje, houve, naturalmente, acontecimentos dignos de nota, ao lado de outros que não são mais que a repetição já cansativa de nossas dificuldades na terra.

## REI PERDE COROA E PARTE DO REINO

Buda, 1565

João Sigismundo terá que renunciar ao título de rei e a uma parte do reino da Hungria, tendo para governar apenas a Transilvânia — foi o que ficou decidido na trégua de Szatmar, assinada este ano.

Estas condições foram impostas por Maximiliano II, filho e sucessor de Fernando, que, logo que tomou o governo, recomeçou a luta contra os separatistas da Transilvânia, mostrando-se mais feliz que seu pai.

Por ordem, mencionamos, em primeiro lugar, a nomeação, como tabelião do público e do judicial, do sr. Miguel Ferrão.

Da Bahia, onde já chegara o irmão José Anchieta, soube-se que este, em entrevista com o governador, encarecera a necessidade de Men de Sá enviar urgentes reforços para a luta contra franceses e tamoiros no Rio.

Até o momento, aqui, o capitão Estácio de Sá fez 33 concessões de sesmarias. A vida no arraial, sob a imagem protetora de São Sebastião, ainda é difícil. As horas de ócio são dedicadas à jogatina (cartas e dados) o que tem desagradado bastante ao capitão. Fala-se que Estácio estaria propenso a legislar seriamente a fim de coibir tal abuso. Vamos esperar.

No fundo da baía, há grandes agrupamentos de franceses, vivendo em aldeias tamoiros. Este correspondente, no momento em que envia este despacho, volta o seu pensamento para Deus e Lhe pede que nos ajude a salvar o Rio, para, como nos declarou Anchieta, «daqui sair muito fruto para a glória do Senhor».

## Novo chefe para a Igreja: morreu Pio IV

Roma, dezembro, 9, 1565

Morreu hoje nesta cidade o papa Pio IV, cuja ascensão ao posto máximo do catolicismo foi prevista por um jovem (Sílvio Antônio), muito antes de sua eleição, ainda em vida de Paulo IV. Sílvio Antônio, que improvisava ao som da lira num banquete de cardeais, recebeu de Alexandre Farnésio uma coroa para ser entregue, entre os presentes, ao que primeiro fôsse papa. O jovem dirigiu-se a Giovanni de Médicis e, cantando, dedicou-lhe a coroa.

Giovanni foi eleito sucessor de Paulo IV, a 26 de dezembro de 1559, e em seu papado reabriu-se o Concílio de Trento. Já no trono da Igreja, era visto freqüentemente em Roma, a pé ou a cavalo, quase sem acompanhamento, falando com todo o mundo.

Pio IV lutou pela reconstrução da Igreja, gerando insatisfações.

Em princípio, seu papado significou total oposição ao de Paulo IV, já que representava personalidade radicalmente distinta: Paulo IV manteve sempre um porte altivo e pretendia mostrar majestade nas menores ações. Pio IV era adventício milanês, unido estreitamente à casa da Áustria, através de seu irmão e de parentes alemães, jurista e amante da vida, num sentido mundano.

Com este ânimo, seria Pio IV o Papa adequado para dirigir a Igreja em sua difícil situação atual?

A Inquisição, por exemplo, era um organismo que, pessoalmente, Giovanni Angelo desprezava solenemente como desprezava a dureza monacal do procedimento dos tribunais. Muito poucas vezes visitou a

Congregação do Santo Ofício e jamais se atreveu a intervir em suas decisões. Alegava não entender do assunto, não ser teólogo, e, assim manteve pa-



PIO IV  
Quem o substituirá?

ra a Congregação todo o poder que ela havia recebido de Paulo IV.

Condenou à forca os sobrinhos de Paulo IV, Carlo Carafa, Jean Carafa (duque de Palliano) e mais Lionardo di

Cardine e o conde D'Alife. De temperamento pacífico, Pio IV viu com indiferença essa execução, já que os Carafas e seus comparsas eram acusados de crimes escabrosos: um deles (Jean) assassinou a própria esposa.

Na política internacional é que se mostrou bem acentuada a diferença de personalidade entre Pio IV e seu antecessor.

Pio IV considerava erro de tática política um Papa tratar de submeter imperadores e reis, o que, para Paulo IV, era obrigação de qualquer ocupante do trono de Pedro

Desejava a paz acima de tudo. Certa vez afirmou: «Por isto perdemos a Inglaterra, que podíamos ter conservado, se tivéssemos apoiado melhor o cardeal Pole. Por isto, ainda, também a Escócia se perdeu e, durante a guerra, as doutrinas alemãs penetraram na França».

Nem contra os protestantes esteve disposto a fazer guerra e, ao embaixador da Sabóia que tentava conseguir seu apoio para um ataque contra Genebra, dizia: «Mas que tempos são estes para que só se façam propostas de guerra?»

Não partilhámos absolutamente deste modo de pensar, e somos de opinião que de nada se tem tanta necessidade como da paz!»

Pio IV acreditou que com o êxito do concílio cumprira a grande missão de sua vida.

Mas seu papado deixa margem a queixas por parte dos rigoristas: Giovanni comprazia-se demasiado com o fausto da corte.